

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

LUIZ FERNANDO MILO BRITTO

**COMÉRCIO BILATERAL SINO-BRASILEIRO NO
PERÍODO DE 2006-2010: UMA ANÁLISE NA
PRERROGATIVA COMERCIAL**

BAURU
2014

LUIZ FERNANDO MILO BRITTO

**COMÉRCIO BILATERAL SINO-BRASILEIRO NO
PERÍODO DE 2006-2010: UMA ANÁLISE NA
PRERROGATIVA COMERCIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Administração, sob a orientação do Prof. Me. Luis Gustavo Baricelo.

BAURU
2014

Britto, Luiz Fernando Milo.

B86293c

Comércio bilateral Sino-Brasileiro no período de 2006-2010: uma análise na prerrogativa comercial / Luiz Fernando Milo Britto. -- 2014.

47f. : il.

Orientador: Prof. Me. Luis Gustavo Baricelo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Comércio bilateral Sino Brasileiro. 2. Comércio internacional. 3. Balança comercial. I. Baricelo, Luis Gustavo. II. Título.

LUIZ FERNANDO MILO BRITTO

**COMÉRCIO BILATERAL SINO-BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2006-
2010: UMA ANÁLISE NA PRERROGATIVA COMERCIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Administração, sob a orientação do Prof. Me. Luis Gustavo Baricelo.

Banca examinadora:

Prof. Me. Luis Gustavo Baricelo
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Dr. Benedito Felipe De Souza
Universidade do Sagrado Coração

Profa. Ma. Veronica Scriptori F. e Almeida
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 08 de dezembro de 2014.

Dedico este trabalho aos meus pais e familiares que me fortaleceram nesses anos de universidade.

RESUMO

Na sequência de acontecimentos nos estudos sobre os caminhos da comercialização brasileira houve um grande impacto nas trocas bilaterais sino-brasileiras, ainda que nos primeiros passos deste comércio entre Brasil e China foi encontrado um receio econômico em relação aos dois países. O notável crescimento das relações comerciais entre Brasil e China, propiciou o interesse em um estudo sobre os principais itens. A grande variedade de commodities existentes e produzidas, seguida da intensa busca por produtos manufaturados pelos Brasileiros com a China criou um laço comercial entre esses países e estabeleceu novos polos comerciais. Entretanto a dúvida fomentada pela grande exportação de commodities de acordo com sua vantagem é posta em questionamentos, a presente situação comercial dá ao Brasil incentivos para o crescimento? Para responder a tal questão foi realizada uma revisão teórica, embasando o trabalho, bem como uma revisão de literatura dos principais autores que já trataram do comércio sino-brasileiro. Por fim coletaram-se dados dos principais produtos exportados do Brasil para a China e dos principais importados do país sino para o brasileiro. Utilizou-se o COMTRADE como base de dados e através da SITIC 3ª Revisão apurou-se o saldo da balança comercial entre tais países. A conclusão que o trabalho chegou foi que a intensa e crescente comercialização entre Brasil e China traz ao Brasil a posição de um exportador de commodities e de produtos de baixo valor agregado, e ao mesmo passo identifica-se uma pequena participação exportadora em produtos industrializados e grande participação na importação de produtos acabados.

Palavras-chave: Comércio bilateral sino-brasileiro. Comércio internacional. Balança Comercial.

ABSTRACT

In the sequence of events in studies of the ways the Brazilian market was a major impact on Sino-Brazilian bilateral trade, although in the early stages of this trade between Brazil and China has found an economic contest comparing each other. The remarkable growth of trade relations between Brazil and China, led to the interest in a study of the main items. The search for commodities due to the abundance of them in Brazil followed by intense demand for Chinese manufactured goods by Brazil created a commercial link between the countries and established new commercial centers. However the doubt fueled by large commodity exports according to its advantage is called into questions, the present business situation gives Brazil incentives to growth? In order answer that theoretical review an issue was held, basing the work as well as a literature review of the main authors who have treated the Sino-Brazilian trade. Finally were collected data of the main products exported from Brazil to China and the main imported product from China to Brazil. Was used the COMTRADE website as database and through SITIC 3rd Revision was found that the balance of trade between these countries. The conclusion reached was that the assignment revealed the intense and upcoming trade between Brazil and China brings to Brazil the position of an exporter of commodities and low value-added products, at the same step that identifies a small participation in exporting industrial products and great participation in imports of finished products.

Keywords: International trade between brazil-china. International trade. Economy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	OBJETIVO GERAL.....	8
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
1.3	JUSTIFICATIVA	8
1.4	METODOLOGIA.....	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
4	ANÁLISE DOS DADOS	21
5	CONCLUSÕES	43
	REFERENCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O Presente trabalho tem como objetivo analisar o comércio bilateral sino-brasileira durante o período de 2006-2010. Neste pequeno espaço de tempo foi possível ver a situação brasileira iniciada pela análise em 2006 com a balança comercial positiva para pauta exportadora Brasileira, entretanto no ano seguinte (2007) e posterior (2008), a balança comercial se mostrou deficitária, caracterizando-se negativa e terminando em 2009 e 2010 novamente com um saldo positivo. De acordo com Mortati (2011) foi dito que no atual perfil de exportação do Brasil existe predominância de produtos de baixo valor agregado, sendo que, em 2007, cerca de 71,17% dos produtos foram matérias-primas vegetais e minerais. (UN COMTRADE DATABASE, c2014).

Esta característica comercial deveu-se a dois fatores: em primeiro lugar a China vem passando por um intenso processo de crescimento industrial. E, em segundo lugar, o Brasil voltou a inserir-se no comércio internacional através de bens primários, especialmente minério de ferro e soja.

Já a pauta de importação brasileira apresentou grandes aquisições de produtos acabados, de alto valor agregado. Fator que contribuiu para o Déficit de alguns anos analisados. Podendo ser uma das causas da desindustrialização brasileira.

Segundo análise de Mortati (2011) afirma que no caso das importações brasileiras da China há um evidente predomínio de produtos de alto valor agregado de indústrias conexas de alta tecnologia. Num âmbito geral os produtos consistem em máquinas, aparelhos de telefonia, de automação, têxteis, vestuário.

O presente trabalho demonstra análises de que maneira a integração econômica e abertura comercial pode trazer benefícios em uma nação como afirmaram Luz (2010) e Appleyard (2010). Notou-se que em alguns anos o Brasil obteve uma balança comercial favorável com a China, entretanto notou-se uma re-primarização da pauta exportadora, expondo o Brasil a um risco da desindustrialização.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral engloba uma análise comparativa entre o comércio bilateral entre Brasil e China também denominada Sino-Brasileira. Os propósitos do trabalho se afirmaram atrativos devido a grande furor comercial exercido pela china nas ultimas décadas, a grande do comércio envolvendo os dois países acrescenta ao desenvolver caminhos para melhor compreender como o Brasil é inserido no comércio externo.

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

O objetivo específico deste trabalho é analisar a pauta exportadora e importadora do Brasil para a China e desta maneira descobrir se o comércio sino-brasileiro está sendo benéfico para o Brasil.

1.3 JUSTIFICATIVA

Justifica-se o presente trabalho as grandes mudanças do comercio no cenário mundial. A globalização fez com que o comércio torna-se mais frequente perante os países, e mesmo os países socialistas, como no caso da China abriram as suas portas a comercialização internacional.

A China demonstrou grande crescimento econômico nos últimos 40 anos, Appleyard (2010) afirmou que boa parte do crescimento econômico da China deveu-se a sua abertura ao comercio internacional.

A partir do século XX, especialmente após os anos 2000, as exportações brasileiras foram fortemente influenciadas pela demanda chinesa (principalmente commodities), No mesmo período em que boa parcela das exportações chinesas foram destinadas ao Brasil.

1.4 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso está dividido em quatro etapas explanatorias:

- a) Revisão teórica será realizada a busca por indícios e fatos das teorias que explicam o comércio internacional. Primeiramente será analisada a teoria do livre comércio, e subsequentemente a teoria crítica Cepalina;
- b) Leitura e interpretação dos principais trabalhos acadêmicos sobre o comércio bilateral entre Brasil e China;
- c) Busca e análise dos dados do comércio Sino-Brasileiro entre o período de 2006-2010.
- d) Conclusões. Neste módulo será apontado as principais informações de caráter final.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Luz (2010), os estudos realizados na primeira escola de comércio internacional foram de origem mercantilista. No mercantilismo, a política era conflitante, pois todos queriam somente exportar. Ninguém desejava importar, era um despropósito. Pois só a exportação de um país se houver a importação por parte de outro. A teoria mercantilista era conhecida como a teoria da soma zero, haja vista, para um país exportar, e com isso ganhar metais preciosos, outro país deveria necessariamente perder tal quantia de metais por meio da importação. Logo a soma era sempre zero.

A escola clássica conquistou, com as ideias de Adam Smith e David Ricardo, grande notoriedade nas ciências econômicas, fornecendo estudos e análises do comércio internacional entre países.

Smith (1776), publicado originalmente em 1776, desenvolveu a teoria das vantagens absolutas como a base do comércio internacional. A vantagem absoluta de um país na produção de um bem resulta de uma maior produtividade, ou seja, da utilização de uma menor quantidade de insumo para produzir esse bem enfrentando menores custos. O autor postulou que, o comércio internacional não era um jogo de soma zero, como afirmavam os mercantilistas e que as trocas voluntárias entre países podem beneficiar todos os envolvidos na operação.

Segundo Luz (2010) a teoria de Adam Smith apregoava que os países deveriam se especializar na produção dos bens que possuíssem vantagem absoluta. Desta maneira o país deveria exportar os bens nos quais possui tal vantagem e importar os bens que não produzem efetivamente, ou seja, aqueles que não possuem a vantagem absoluta.

O princípio das Vantagens Absolutas, conforme Salvatore (1999) postula que as nações deveriam especializar-se na produção da *commoditie* a qual produzissem com maior eficiência e trocar parte de sua produção pela commodity que produzissem com maior desvantagem absoluta. Pelas palavras do próprio Adam Smith:

Eis uma máxima que todo chefe de família prudente deve seguir: nunca tentar fazer em casa aquilo que seja mais caro fazer do que comprar. O alfaiate não tenta fabricar seus sapatos, mas os compra do sapateiro. Este não tenta confeccionar seu traje, mas recorre ao alfaiate. O agricultor não tenta fazer nem um nem outro, mas se vale desses artesãos. Todos consideram que é mais interessante usar suas capacidades naquilo em que têm vantagem sobre seus vizinhos e comprar, com parte do resultado de suas atividades, ou o que vem a dar no mesmo, com o preço de parte das mesmas, aquilo de que venham a precisar. (SMITH, 1985, p.380).

A teoria das Vantagens Absolutas não explicava totalmente as bases do comércio e, segundo Rainelli (1998), apresentava uma grande limitação, visto que, se uma nação não apresentasse nenhuma vantagem absoluta, não poderia participar do comércio afirma também que Ricardo aprimorou essa teoria, ao estender a possibilidade de ganhos de comércio também para países que não possuem vantagens absolutas em relação a outros. Segundo Ricardo, não é o princípio da vantagem absoluta que determina a direção e a possibilidade de se beneficiar do comércio, mas a vantagem comparativa. No teorema de Ricardo, além de afirmar que o modelo proposto por Smith abriu lacunas sobre as trocas mercantis, o comércio entre duas nações pode existir de maneira vantajosa independente do grau de eficiência na produção.

Segundo Appleyard, Field e Cobb (2010) a teoria Ricardiana, das vantagens comparativas, também denominadas vantagens relativas, são oriundas das diferenças de produtividade do fator trabalho para distintos bens. Ele as atribui à distinção no clima e no ambiente de cada nação.

Os países deveriam se especializar em bens nos quais tivessem vantagem comparativa, aumentando sua produção doméstica. Assim, a produção que não fosse vendida no mercado doméstico de um país deveria ser exportada. Os outros bens seriam adquiridos no mercado internacional a um preço menor que o de produzi-los internamente. Dessa forma, o comércio seria benéfico para todos (COUTINHO et al., 2005).

A teoria Ricardiana dominou o pensamento econômico por décadas, mas foi complementada pela teoria neoclássica do comércio internacional, a qual tem como base formulações matemáticas. A principal teoria de tal linha é a de Heckscher-Ohlin, que de acordo com a teoria, os custos de produção dos bens em um país variam não em função da tecnologia como foi dito nas teorias anteriores, mas da dotação de fatores, ou seja, da disponibilidade dos fatores de produção do país. Em

síntese o teorema pode ser definido como: “Cada país se especializa e exporta o bem que requer utilização mais intensiva de seu fator de produção abundante.” (LUZ, 2010, p.8).

A teoria de Heckscher-Ohlin foi posta à prova pelo economista russo Leontief, o qual desejava saber se realmente o comércio internacional norte-americano respeitava a teoria proposta. Segundo Guilhoto (2011) o paradoxo de Leontief surgiu quando estudada a composição das exportações dos EUA, observa que estas possuíam uma oferta abundante de trabalho e ainda escassa de capital. Afirma que países com abundância de capital, como os EUA, deveriam exportar bens intensivos em capital e importar bens intensivos em trabalho.

Segundo Luz (2010) Leontief percebeu, que, após estudos das mercadorias exportadas pelos EUA não eram capital intensivas como o teorema de Heckscher-Ohlin pregava e então a divergência detectada entre a teoria e a prática foi denominada o paradoxo de Leontief. Luz (2010) indagou: qual seria a resposta sobre as transações internacionais na ausência do efeito do livre comércio, com remuneração dos fatores de produção se houver protecionismo, em vez do livre comércio? Ainda sobre o tema, na análise de Luz (2010), a atividade implica que uma tarifa aumenta a renda do fator empregado intensivamente no bem que recebe proteção. O livre comércio aumenta a remuneração do fator de produção abundante no país.

Até o presente momento destacou-se as teorias do livre comércio, tanto na visão clássica como na visão neoclássica. Todavia tais teorias encontraram um crítico ao longo da década de 1950, Raul Prebisch, um dos pais da chamada teoria Cepalina. A teoria conceitua a separação de duas vertentes econômicas denominando-os como centro e periferia, a função de cada é baseada devida sua mobilidade e situação de desenvolvimento, o centro foca a exportação de produtos manufaturados e de alto valor agregado, na medida em que importa matérias primas. Na periferia ocorre contrário, onde a maior parte das exportações são matérias primas e importações de produtos manufaturados. (LUZ, 2010).

O que é o “regionalismo aberto”? A dificuldade em definir esse conceito surge da própria contradição contida em seus termos, pois, de um lado, “regionalismo” está associado a certo espaço, delimitado por fronteiras, peculiaridades e interesses próprios, e, de outro, “aberto” indica o contrário, que não existem restrições, fronteiras, nem interesses específicos a serem protegidos. A CEPAL (1994)

define o “regionalismo aberto” como [...] um processo de crescente interdependência no nível regional, promovida por acordos preferenciais de integração e por outras políticas, num contexto de liberalização e desregulação capaz de fortalecer a competitividade dos países da região e, na medida do possível, constituir a formação de blocos para uma economia internacional mais aberta e transparente. (CORAZZA, 2005, p.145).

Raul Prebisch acreditava na industrialização dos países latino-americanos como primordial. Pois os preços dos produtos primários sofriam constantes quedas e se apresentavam em estado de deterioração. Em contra partida, os produtos industrializados obtinham constante valorização, conseqüentemente produtos de caráter agrícola não agregam aumentos de salários, mas devido a sua grande oferta uma redução no valor do produto. Segundo Prebisch, os países especializados na exportação de produtos primários, que passavam pelo processo de industrialização sofriam com o dualismo: um setor moderno exportador competitivo e um setor tradicional e atrasado, portanto não eram difundidos no crescimento econômico.

A CEPAL surgiu após a segunda guerra mundial, durante este período pós-guerra, foram formados comitês entre a Europa para discutir e criar planos econômicos para reconstrução dos danos causados pela guerra em território Europeu, a América Latina também se manifestou e foi além dos pedidos pós-guerra de reconstrução, fomentada pela solução de seu difícil desenvolvimento e estagnação, pediu auxílio econômico com intuito de fortalecimento de estrutural e de maior visibilidade mundial. A ONU criou a CEPAL em 1947, contou com os principais economistas, Raul Prebisch e Celso Furtado, estes que defendiam fortemente a industrialização, e, portanto não concordavam com o livre comércio conforme os economistas do período neoclássico.

A teoria Cepalina afirmava que havia uma tendência secular de deterioração dos termos de troca dos países subdesenvolvidos, ou seja, a relação entre o valor das exportações. Deste modo, a CEPAL posicionava-se não contra o comércio internacional, e sim a maneira com que eles eram inseridos; a solução apareceu com Prebisch e Furtado, a industrialização.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Averbug (1990) a década de 90 foi palco de mudanças significativas na política de comércio exterior brasileira. O período se caracterizou por um processo de abertura comercial abrangente, que se iniciou no governo Collor e se estendeu até o governo Fernando Henrique. A integração comercial brasileira vem ocorrendo no contexto de uma nova ordem mundial, a globalização, baseada no modelo chamado “Novo Regionalismo”, quase caracteriza principalmente pela integração de países através de acordos bilaterais e multilaterais (zonas de livre comércio, uniões aduaneiras e mercados comuns). O país ainda assumiu posturas de abertura ora protecionistas ora mais liberais, de maneira a administrar questões internas como déficits na balança comercial, vulnerabilidade de segmentos industriais, controle de preços, flutuações no câmbio, questões políticas e diplomáticas etc.

Apesar do desempenho semelhante em termos de crescimento do PIB, há pelo menos três diferenças importantes entre os anos 80 (conhecidos como a “década perdida”) e 90. Em primeiro lugar, a década de 80 foi um período de inflação crescente e políticas macroeconômicas caóticas, ao passo que a de 90 foi marcada pelo bem-sucedido programa de estabilização, que reduziu a inflação anual a cifras de apenas um dígito. Em segundo lugar, os anos 80 foram caracterizados por grande, quando não crescente, interferência do Estado, enquanto os anos 90 podem ser descritos como a “década de reformas orientadas para o mercado”. Em terceiro lugar, sobretudo em consequência dos dois fatores acima mencionados, os anos 80 terminaram em tom de desesperança, sem um diagnóstico claro ou consensual sobre a razão da crise e com o país rondando a hiperinflação; no final dos anos 90, no entanto, havia sinais de uma retomada da trajetória de crescimento sustentável, dessa vez no contexto da estabilidade de preços. (PINHEIRO et al., 2001, p.7).

De acordo com Baumann (1996) há quatro formas iniciais de internacionalização, relacionadas à estrutura patrimonial e produtiva da indústria, é analisado: exportação, importação, investimento direto no país e investimento produtivo fora do país por parte de empresas originárias do Brasil.

Segundo Averbug (1990) entre 1988 e 1997, as exportações brasileiras passaram de US\$ 33,8 bilhões para US\$ 53 bilhões, um aumento de 57%, com crescimento médio anual de 4,6%. No mesmo período, as importações

quadruplicaram, crescendo em média 15,4% a.a. e atingindo US\$ 61,3 bilhões. Essa assimetria nos ritmos de crescimento levou a uma inversão no sinal do saldo da balança comercial: o superávit de US\$19,2 bilhões em 1988 transformou-se no déficit de US\$ 8,4 bilhões em 1997. Em 1998, as exportações caíram 3,5% em razão da crise internacional impulsionada pela crise asiática e pelo menor crescimento do comércio mundial, quando, ao contrário, no início do ano previa-se que as exportações teriam crescimento similar ao de 1997. Como as importações caíram 6,2%, o déficit comercial ficou em US\$ 6,4 bilhões. A Figura 1 apresenta a performance da balança comercial brasileira desde 1988.

Tabela 1 - Balança Comercial: Exportações e Importações 1988-1998.

<i>Ano</i>	<i>Exportações</i>	<i>Importações</i>	<i>Saldo Comercial</i>
1988	33.789	14.605	19.184
1989	34.383	18.263	16.120
1990	31.414	20.661	10.753
1991	31.620	21.041	10.579
1992	35.793	20.554	15.239
1993	38.597	25.480	13.117
1994	43.544	32.701	10.843
1995	46.506	49.859	(3.353)
1996	47.747	53.303	(5.556)
1997	52.987	61.351	(8.364)
1998	51.120	57.550	(6.430)

Fonte: AVERBUG (1990, p. 49)

O Brasil passou por um processo de abertura comercial de grande importância na década de 90 que, sendo conduzido de forma coerente e equilibrada (isto é, levando-se em conta as fragilidades ainda existentes em alguns setores nacionais), pôde trazer grandes benefícios à indústria local, como ganhos de produtividade e competitividade, além da possibilidade de maior crescimento econômico para o país. (AVERBUG, 1990).

Ainda sobre a visão de Averbug (1990) a política de comércio internacional brasileira deve permanecer subordinada aos interesses nacionais. O grau de abertura da economia deve continuar se intensificando, uma vez que a atual dinâmica da economia internacional exige tal esforço, mas não sem que seus efeitos

sejam devidamente ponderados, de forma a maximizar os benefícios e minimizar os custos inerentes ao processo.

De acordo com Barbosa e Mendes (2006) em termos de participação chinesa no total das exportações nacionais, o Brasil aparece em quinto lugar na região, “perdendo” para Chile, Peru, Argentina e Cuba. No ano de 2004, a China foi responsável por 5,7% da corrente de comércio brasileira, ficando atrás apenas da União Europeia, Estados Unidos e Argentina. O ano de 2003 representou o auge de um padrão de comércio que tendo se mostrado conjunturalmente favorável ao Brasil, começaria, entretanto a assumir feições estruturais diferenciadas já a partir de 2004. Vale lembrar que, entre 1999 e 2003, a corrente de comércio entre os dois países multiplicou-se por 3,4 vezes. Concomitantemente, o Brasil presenciou, neste período, uma expressiva elevação do seu saldo comercial, saindo de um resultado negativo pouco superior a US\$ 100 milhões para um superávit comercial de US\$ 2,4 bilhões, o que representou 10% do saldo total obtido pelo país. As exportações brasileiras para este país ampliaram-se neste período 400%. Ainda afirma que em 2004 um novo padrão de comércio passa a ser desenhado. A corrente de comércio, em apenas um ano, se incrementa em quase 40%, ao passo que o superávit comercial brasileiro regride 27%. Em apenas um ano, as exportações chinesas para o Brasil ampliam-se em mais de 70%. E a velocidade de queda do superávit comercial brasileiro se elevaria ao longo do primeiro semestre de 2005, se comparado com o mesmo período do ano anterior, recuando de US\$ 1,409 bilhão para US\$ 436 milhões.

Se tomarmos os produtos nos quais o Brasil apresenta um superávit considerável – soja, óleo de soja, minério de ferro, madeira e celulose – o seu saldo comercial conjunto elevou-se mais de sete vezes entre no período 1999-2004, tendo o ritmo de expansão se tornado sensivelmente mais lento após 2003. O Brasil foi favorecido não só pela demanda do parceiro chinês, mas também pelos ganhos de competitividade nestes setores, a ponto de ganhar market-share nas importações deste país e deslocar outros importantes players mundiais. Afirmou-se enquanto exportador de destaque de soja, óleo de soja, minério de ferro e consolidou sua posição nas exportações de madeira e celulose. No caso do algodão, apesar da competitividade brasileira, a posição do país ainda se mostra marginal. Este quadro pode ser alterado, dependendo da redução dos apoios domésticos que acabam impactando o preço das exportações dos EUA, maior fornecedor deste produto para

o mercado chinês. Desta forma, não se pode explicar o recente boom das exportações primárias do Brasil sem que se mencione a demanda chinesa, responsável por 18% das exportações agropecuárias brasileiras e por 21% das vendas externas de minerais metálicos. (BARBOSA; MENDES, 2006).

Segundo Markoski (2013) as exportações totais brasileiras aumentaram 266%, em termos de valor, entre 2000 e 2010, passando de US\$ 55,119 bilhões para US\$ 201,915 bilhões anuais. Em 2000, a composição a pauta exportadora brasileira, em termos de valor, era dividida da seguinte maneira: produtos básicos (22,8%) e produtos industrializados (74,48%, com participação de 15,43% de semimanufaturados e 59,05% de manufaturados). Em 2010, a pauta exportadora brasileira passou a apresentar a seguinte composição em termos de valor: produtos Básicos (44,58%) e produtos industrializados (53,37%, com participação de 13,97% de semimanufaturados e 39,4% de manufaturados).



Figura 1 – Composição da pauta Exportadora Brasileira em 2000.
Fonte - Markoski (2013).

Markoski (2013) diz que, de fato, entre 2000 e 2010, enquanto a participação de produtos básicos na composição total da pauta exportadora brasileira cresceu consideravelmente, apresentando aumento de total da pauta exportadora brasileira cresceu consideravelmente, apresentando aumento de redução bastante significativa (-28,3%), devendo-se a isso a diminuição da relativa tanto de semimanufaturados (-9,5%) quanto de manufaturados (-33,3%) na composição total de bens industriais, ao longo do período analisado. A análise da composição da pauta exportadora brasileira como um todo, entre 2000 e 2010, indica a conservação de um padrão diversificado, mesmo revelando uma clara tendência de substituição

do peso relativo de bens industrializados por produtos básicos dentro desta. Para tanto, enquanto a participação relativa dos últimos dentro da pauta exportadora brasileira, em dez anos, praticamente dobrou, passando de 22,8% para 44,58%, a soma dos primeiros (semimanufaturados e manufaturados) que, em 2000, chegou a responder por quase 80% do total exportado pelo Brasil, em 2010, reduziu esse valor para cerca de 50%. Em 2000, dezenove mercadorias respondiam por 51,63% da composição da pauta exportadora brasileira em termos de valor. Dentro desse percentual, havia uma participação de 45,54% de manufaturados (nove mercadorias, na seguinte ordem: (1) aviões, (2) automóveis de passageiros, (3) aparelhos transmissores ou receptores e componentes, (4) calçados e suas partes (5) partes e peças para veículos automóveis e tratores, (6) motores para veículos automóveis e suas partes, (7) suco de laranja congelado, (8) produtos laminados planos de ferro ou aços, (9) bombas, compressores, ventiladores, etc. e suas partes), 19,08% de semimanufaturados (cinco mercadorias, na seguinte ordem: (1) pastas químicas de madeira, (2) produtos semimanufaturados de ferro ou aço, (3) alumínio bruto, (4) açúcar de cana bruto, (5) couros e peles), e 32,56% de básicos (cinco mercadorias, na seguinte ordem: (1) minério de ferro e seus concentrados, (2) soja mesmo triturada, (3) farelo e resíduos da extração de soja, (4) café cru em grão, (5) fumo em folhas e desperdícios).

As próximas palavras no texto tem o objetivo de analisar e definir brevemente a economia chinesa de forma geral, obtendo parâmetros sobre o comercio mundial.

De acordo com Nonnenberg (2008) a indústria foi sempre o principal responsável pelo crescimento da atividade na China. Na verdade, a decisão do governo chinês, ao iniciar o processo de abertura e reformas em 1978, foi no sentido de, deliberadamente, incentivar a industrialização. Como será visto mais adiante, as principais medidas consistiram na abertura do comércio externo de bens e a liberalização de investimentos industriais por parte de empresas estrangeiras. Logo, é natural que o crescimento tenha sido liderado pela indústria e intensivo em acumulação de capital. Esse processo é também ilustrado pela evolução da taxa de investimento, que passou de cerca de 35% do PIB em meados da década de 1980 para mais de 40% nos anos mais recentes

Pautasso (2010) afirmou que a China tornou-se o maior parceiro comercial do Brasil, com um fluxo de comércio de 36,1 bilhões de dólares. Isto contribuiu para o país oriental torna-se o principal destino das exportações brasileiras, totalizando um

valor de 20,1 bilhões de dólares ou mais de 13,1% do total exportado, enquanto o Brasil é destino de apenas 1,3% das exportações chinesas.

De acordo com Barbosa e Mendes (2006), durante os anos noventa, as trajetórias macroeconômicas de Brasil e China apresentaram comportamentos bastante divergentes. Se, por um lado, ambas as economias aumentaram o seu grau de vinculação à economia internacional, pode-se dizer que as políticas de inserção na globalização foram acionadas a partir de um conjunto de premissas e políticas diversas e, às vezes, até opostas. A expansão das exportações brasileiras seguiu as mesmas taxas da economia internacional, na média do período 1990-2003, enquanto as exportações chinesas cresceram 2,5 vezes acima da média global, situando-se este país como o 3º maior exportador global em 2004 e perfazendo 6,5% das exportações mundiais.

De acordo com Barbosa e Mendes (2006), os impactos da expansão da economia chinesa sobre a brasileira podem ser divididos em duas categorias: indiretos e diretos. No primeiro caso, encontram-se os fatores relacionados ao vigor da economia internacional no período 2003-2005, mas também ao fato de que a economia chinesa permitiu atenuar os efeitos da crise internacional do triênio imediatamente anterior. Os superávits comerciais chineses – na medida em que contribuem para preencher os déficits em conta corrente dos Estados Unidos – favorecem a transferência de capitais para as economias emergentes, além de elevarem a demanda de outros países que importam produtos brasileiros. Já os impactos diretos são aqueles vinculados à expansão da demanda chinesa por commodities agrícolas e minerais, propiciando inclusive uma elevação do seu preço no mercado internacional. De fato, quando se analisa o perfil das importações chinesas, observa-se que 19% das importações chinesas de produtos agrícolas e 7% das importações de produtos minerais são provenientes da América Latina, que participa com apenas 3,6% das importações totais chinesas no ano de 2003.

De acordo com Mortati (2011) O desempenho do comércio exterior brasileiro nos últimos anos (1995-2005) é marcado, entre outros elementos, por uma crescente participação dos chamados “novos mercados”, entendidos como os países que estão fora do eixo tradicional da União Europeia, Nafta, América Latina e Japão. Entre esses “novos mercados” a China se destaca, desempenhando um papel primordial no comércio exterior brasileiro, alcançando em 2009 a classificação de maior parceiro do Brasil. O comércio exterior brasileiro ainda é significativamente

concentrado em um número limitado de países. Em 2008, a União Européia e os Estados Unidos foram responsáveis por 37,29% das exportações brasileiras e por 35,69% das importações de acordo com os dados de Comércio de Commodities das Nações Unidas. (UN COMTRADE DATABASE, c2014).

Brasil e China mantiveram uma relação comércio informal desde a criação da República da China em 1949. Nos anos 50, o fluxo comercial era praticamente inexpressivo, cerca de US\$ 8 milhões. Através de Miranda et al. (2007 apud MORTATI; MIRANDA; BACCHI, 2011). Nos anos 90, houve um boom do comércio bilateral, comparado com as décadas passadas e a China, que era a quarta no destino das exportações brasileiras, pulou para a terceira posição desde 2002, atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina. Em 2006, com o amadurecimento das relações comerciais entre o Brasil e a China, a corrente de comércio entre os dois países ultrapassou os US\$ 16,39 bilhões (US\$ 23,37 bilhões em 2007). No ano de 2008 a China ultrapassou a Argentina e tornou-se o segundo maior parceiro comercial do Brasil, adicionalmente, seguindo nessa trajetória, no ano seguinte em 2009 a China ultrapassou os Estados Unidos e tornou-se o principal parceiro comercial brasileiro, segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. (MDIC, 2009).

4 ANÁLISE DOS DADOS

Até o presente momento analisou-se o comportamento das exportações e das importações do Brasil em relação com a China e ao resto do mundo. Este capítulo analisará o mesmo comportamento, mas com foco no comércio bilateral Brasil-China, mais especificamente entre 2006-2010. Segundo Oliveira (2004) Se a China era privilegiada como um parceiro político, hoje é igualmente um parceiro econômico. No entanto, no plano econômico, aparentemente é o Brasil que mais necessita da China do que a China precisa do Brasil. Nosso principal produto no relacionamento comercial, a soja, sofre grande concorrência do mercado internacional e, em especial, dos Estados Unidos, que pressionam a China para ampliação das compras de soja norte-americana como forma de redução do forte superávit bilateral favorável à China.

As estatísticas utilizadas correspondem aos dados da base de dados do Comtrade (United Nations Commodity Trade Statistics Database)¹, idealizado com intuito de captar diferentes reações do comércio entre Brasil e China no período de 2006-2010, demonstrando o valor das trocas mercantis e sua porcentagem de acordo com os demais materiais comercializados, a estrutura gráfica realizada compreendida pelos gráficos que representa dados transformados e compreende analisar entre 10 grupos de matérias comercializados, sendo eles pertencentes classificação da SITC (Standard International Trade Classification REV.3), esses referenciais são classificados com números entre 0-9 e obtêm subdivisões com materiais incluídos no grupo. Estes referenciais são categorizados da seguinte forma;

REV3 DA SITC ²

- 0 - Alimentos e animais vivos.
- 1 - Bebidas e tabaco.
- 2 – Materiais brutos, não comestíveis, exceto combustíveis.
- 3 - Combustíveis fósseis, lubrificantes e materiais relacionados.
- 4 - Animais e óleos vegetais, gorduras e ceras.
- 5 - Produtos químicos e produtos relacionados.
- 6 - Bens manufaturados classificados principalmente por material.

¹ Mais informações e dados analisados no site <http://comtrade.un.org/>

² REV3 DA SITC: mais informações no site <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14>

- 7 - Equipamentos de transporte e máquinas.
- 8 - Artigos manufaturados diversos.
- 9 - Mercadorias e transações não classificadas em outra parte no SITC.

A análise visa demonstrar os principais produtos que o Brasil importa da China e os principais produtos que são exportados. Foram selecionados os três principais produtos, importados e exportados, baseados na SITIC 3ª revisão com agregação a 1 dígito. Todos os demais produtos usados, de menor representação, foram agrupados numa categoria Outros, haja vista representavam individualmente menos que 10% da pauta exportadora ou importadora.

Foram separados os valores gerais dos dados obtidos da e inseridos em uma tabela para fácil visualização, o período entre 2006-2010 identifica momentos em que o Brasil participou nas trocas internacionais com seu parceiro comercial vantajosamente, a China. Apresentando superávit nos anos de 2006, 2009 e 2010 e déficit nos anos de 2007 e 2008, como será analisado mais sucintamente a seguir.

01) Saldo da Balança comercial bilateral:

Tabela 2 - Importação/Exportação por período.

Período	Exportação	Importação	Saldo da balança comercial	
2006	\$8.402.368,83	\$7.989.343,06	\$413.025,77	SUPERÁVIT
2007	\$10.748.813,79	\$12.617.754,52	-\$1.868.940,72	DÉFICIT
2008	\$16.403.038,99	\$20.040.022,37	-\$3.636.983,38	DÉFICIT
2009	\$20.190.831,30	\$15.911.144,51	\$4.279.686,79	SUPERÁVIT
2010	\$30.752.355,63	\$25.535.913,96	\$5.216.441,67	SUPERÁVIT

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.



Figura 2 – Exportação 2006.
 Fonte: Un Comtrade Database (c2014).
 Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2006 o Brasil exportou o total de US \$8.402.368,83 milhões de dólares em produtos para a China, O gráfico abaixo demonstra, através dos dados do Comtrade SITC Rev. 3.

Analisando produtos desagregados a 1 dígito, é correto afirmar que o saldo da balança comercial estava positivo, no que diz respeito a maior parte por exportações do que por importações. A pauta do ano analisado obteve um Superávit. Com a reação de da balança comercial positiva com US \$413.025,77 sobre US \$7.989.343,06 das importações no período. A maior parte do que foi exportado para a China deve-se a produtos como matérias primas 70,13%, combustíveis fósseis 9,95%, produtos manufaturados 7,60% e outros com 12,31% da parcela exportada. Segundo dados Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior os principais produtos exportados, de forma mais desagregada, no ano de 2006 foram minério de ferro, soja em grão, petróleo e derivados, pastas de madeira, papel e celulose, couros e peles entre outros mostrados pelo gráfico do MDIC Abaixo.

Assim, o primeiro ano analisado nos permite observar que a inserção do Brasil na exportação se deu basicamente pela exportação de produtos primários e de baixo valor agregado, fato que caracteriza o Brasil como um exportador de *commodities* e produtos brutos, resultante da abundancia de matérias primas e a

baixa participação da indústria Brasileira como exportadora de produtos manufaturados. Essa análise permite referenciar os estudos de Prebisch no que diz respeito à comercialização de produtos primários, em que o Brasil esta fortemente inserido, sobre a influencia da também da américa latina como exportador de commodities nos laça a acreditar que somos o quintal do mundo, optando por exportar um produto inacabado de menor valor assim impedindo o crescimento da indústria própria.

EXPORTAÇÕES	2006	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Mínério de ferro	2.629,46	81.311,34
Soja em grão	2.431,57	10.769,17
Petróleo e derivados	835,95	2.333,45
Pastas de madeira, papel e celulose	403,46	982,07
Couros e peles	381,64	124,67
Máquinas, ferramentas e aparelhos mecânicos	279,03	35,99
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	212,12	220,36
Madeiras e folhas de painel	167,90	278,98
Óleo de soja	113,56	234,62
Máquinas, ferramentas e aparelhos elétricos	112,74	15,27
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	96,97	82,00
Plásticos e suas obras	80,94	56,70
Fumo	77,61	16,96
Granito cortado e bruto	74,66	528,47
Partes e componentes para veículos e tratores	62,26	11,35
Outros minérios (manganês, cobre, nióbio etc.)	57,04	358,05
Algodão	26,39	21,73
Carnes e laticínios	22,44	29,60

Figura 3 - Pauta de exportação para a China
 Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2006a).



Figura 4 – Importação 2006.

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2006 o Brasil importou US \$7.989.343,06 milhões de dólares em produtos para a China. Notamos que a maior parte do que foi importado para a China deve-se a produtos como equipamentos de transporte e máquinas 59,32%, produtos manufaturados por material 14,68%, artigos manufaturados diversos 12,76% e outros 13,24%, nesse contexto é visível a presença de uma necessidade Brasileira por produtos acabados, os que detêm de maior valor agregado.

Segundo dados Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior os principais produtos importados, de forma mais desagregada, formam o gráfico do MDIC, representado por Produtos químicos orgânicos e inorgânicos máquinas e aparelhos elétricos e suas partes, máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes, produtos químicos orgânicos e inorgânicos, produtos químicos orgânicos e inorgânicos. Deste modo observa-se que a inserção do Brasil se deu basicamente pela importação de produtos manufaturados e de alto valor agregado, fato que caracteriza o Brasil como um importador de produtos finais, resultante da fraqueza da indústria nacional de acordo com a China. Essa análise define a participação brasileira conforme pregava Smith, durante as escolas de economia clássica, onde a participação do principal objeto comercializado se dá que possui mais vantagem

econômica, na produção, a importação analisada neste período representa um saldo na balança positiva ao Brasil, por haver mais produtos saindo do Brasil, conseqüentemente, maior o número de dólares entrando.

IMPORTAÇÕES	2006	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Máquinas e aparelhos elétricos e suas partes	3.154,61	274,32
Máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes	1.379,44	194,26
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	725,69	650,51
Têxteis e vestuário	609,21	175,88
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc	468,12	29,06
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	267,65	210,62
Plásticos e borrachas e suas obras	258,33	151,55
Brinquedos	151,25	34,68
Partes e componentes para veículos e tratores	126,41	50,87
Coques de hulha	113,58	725,52
Calçados	91,57	8,39

Figura 5 - Pauta de exportação do Brasil para a China.
Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2006b).



Figura 6 – Exportação 2007.

Fonte: Un Comtrade Database

Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2007 o Brasil apresentou aumento no valor bruto referente a produtos exportados alcançando os US \$ \$10.748.813,79 milhões de dólares em produtos para a China. É correto afirmar que apesar deste crescimento o saldo da balança comercial era negativo, diferentemente do ano anterior, as importações Brasileiras superaram as exportações e trouxeram um cenário de queda da balança comercial. A pauta do ano analisado obteve um Déficit. Com a balança comercial negativa em US \$ - 1.868.940,72 sobre US \$12.617.754,52 das importações.

Foram exportados para a China produtos como matéria prima bruta representando 68,68%, produtos manufaturados com 10,36% e combustíveis fósseis representando 7,82%, já os demais itens com 13,14% da exportação brasileira, ainda em uma análise mais sucinta, segundo dados, os principais produtos exportados, de forma mais desagregada, no ano de 2007 continuaram na base exportada em 2006, entre eles estão os principais; minério de ferro, soja em grão, petróleo e derivados, pastas de madeira, papel e celulose, couros e peles entre outros.

Seguindo as estatísticas observa-se que a inserção do Brasil na exportação continuou basicamente pela exportação de produtos primários. Resultante da abundância de matérias primas e a baixa participação da indústria brasileira como exportadora de produtos manufaturados. Essa análise permite referenciar os

estudos de Prebisch no que diz respeito à comercialização de produtos primários, em que o Brasil está fortemente inserido, sobre a influência da também da América Latina como exportador de commodities nos leva a acreditar que somos o quintal do mundo, optando por exportar um produto inacabado de menor valor agregado e importando o produto acabado de maior valor agregado, e como consequência negativa, atrasa o crescimento da indústria brasileira.

EXPORTAÇÕES	2007	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Minério de ferro	3.710,29	105.025,71
Soja em grão	2.831,86	10.071,88
Petróleo e derivados	840,18	2.185,23
Couros e peles	490,45	145,08
Pastas de madeira, papel e celulose	446,32	918,09
Óleo de soja	318,34	433,75
Fumo	271,34	55,57
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	268,44	72,95
Máquinas, ferramentas e aparelhos mecânicos	238,88	30,89
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	205,49	140,61
Madeiras e Folhas de Painel	133,76	218,21
Partes e componentes para veículos e tratores	105,12	4,75
Outros minérios (manganês, cobre, nióbio etc.)	97,62	353,89
Plásticos e suas obras	94,01	48,98
Máquinas, ferramentas e aparelhos elétricos	73,72	7,52
Granito cortado e bruto	67,87	482,58
Algodão	35,09	28,00
Carnes e Laticínios	17,53	13,61

Figura 7 - Pauta de exportação do Brasil para a China
 Fonte - Conselho Empresarial Brasil-China (2007a).



Figura 8 – Importação 2007.

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2007 o Brasil importou US \$12.617.754,52 milhões de dólares em produtos para a China deve-se a produtos como Equipamentos de transporte e máquinas 39,19%, produtos manufaturados por material 17,88%, manufaturados diversos 15,33% e o restante analisado com 27,60% da pauta, nesse contexto são verificados a presença de uma necessidade brasileira por produtos acabados. Representado por produtos químicos orgânicos e inorgânicos, máquinas e aparelhos elétricos e suas partes, máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes, produtos químicos orgânicos e inorgânicos, produtos químicos orgânicos e inorgânicos entre outros produtos.

A inserção do Brasil nas importações de produtos manufaturados e produtos de alto valor reafirma a deficiência do setor industrial brasileiro, novamente fazendo-se necessário de grande número de materiais importados. Essa análise demonstra as afirmações de David Ricardo que definiria a participação brasileira como positiva no comércio, seguindo a teoria das vantagens comparativas por produzir a matéria prima que é abundante, exigindo do país procurar produtos que a indústria interna não produz.

IMPORTAÇÕES	2007	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Máquinas e aparelhos elétricos e suas partes	4.314,96	339,25
Máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes	2.345,55	330,04
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	1.285,56	1.667,20
Têxteis e vestuário	993,55	253,96
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc	715,29	41,22
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	671,38	617,58
Plásticos e borrachas e suas obras	404,94	206,68
Brinquedos	257,01	49,66
Partes e componentes para veículos e tratores	220,53	84,67
Coques de hulha	211,24	1.033,53
Calçados	154,93	13,99
Outros equipamentos elétricos	5,32	2,47

Figura 9 - Pauta importadora do Brasil para a China.
Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2007b)



Figura 10 – Exportação 2008.
Fonte: Un Comtrade Database (c2014).
Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2008 o Brasil exportou US \$16.403.038,99 milhões de dólares anunciando mais um ano de crescimento na pauta exportadora milhões de dólares em produtos para a China, porém pela segunda vez consecutiva é observado déficit na Balança comercial encerrando com negativos US \$ -3.636.983,38 sobre as importações que somaram o valor de US \$20.040.022,37 no ano em questão. A maior parte dos materiais com destino China seguiu os padrões de exportação Brasileiros, forma produtos como matérias primas 69,77%, combustíveis fosseis 10,38%, outros produtos diversos 13,38%. Os principais produtos exportados, de forma mais desagregada, no ano de 2008 foram soja em grão, minério em ferro, petróleo e derivados, óleo de soja, pastas de madeira, papel e celulose, couros e peles entre outros.

EXPORTAÇÕES	2008	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Soja em grão	5.324,05	11.823,57
Minério de ferro	5.005,73	98.621,41
Petróleo e derivados	1.702,80	2.900,44
Óleo de soja	829,88	703,03
Pastas de madeira, papel e celulose	743,43	1.284,80
Couros e peles	375,40	109,92
Fumo	367,32	54,33
Máquinas, ferramentas e aparelhos mecânicos	297,10	31,84
Outros minérios (manganês, cobre, nióbio etc.)	284,74	714,38
Partes e componentes para veículos e tratores	276,31	2,92
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	136,83	81,70
Madeiras e folhas de painel	93,46	127,39
Máquinas, ferramentas e aparelhos elétricos	90,93	5,18
Plásticos e suas obras	86,65	44,08
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	85,01	17,27
Granito cortado e bruto	75,41	454,58
Algodão	32,47	23,74
Carnes e laticínios	9,99	2,33
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)		

Figura 11 - Pauta exportadora do Brasil para a China.
 Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2008a)



Figura 12 – Importação 2008.

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2008 a maior parte do que foi importado para a China deve-se a produtos como equipamentos de transporte e máquinas 52,85%, produtos manufaturados por material 15,94%, manufaturados diversos 14,24% e o restante analisado com 16,97% da pauta, os principais produtos importados, de forma mais desagregada são produtos químicos orgânicos e inorgânicos, máquinas e aparelhos elétricos e suas partes, máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes, produtos químicos orgânicos e inorgânicos, produtos químicos orgânicos e inorgânicos entre outros.

IMPORTAÇÕES	2008	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Máquinas e aparelhos elétricos e suas partes	6.299,20	406,24
Máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes	3.712,19	461,02
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	2.196,54	1.621,62
Têxteis e vestuário	1.407,29	313,61
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	1.174,07	906,48
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc	1.131,97	52,48
Plásticos e borrachas e suas obras	635,77	244,48
Coques de hulha	600,53	1.106,55
Partes e componentes para veículos e tratores	522,58	141,89
Brinquedos	327,32	58,19
Calçados	228,45	18,94
Outros equipamentos elétricos	10,34	3,88
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)		

Figura 13 - Pauta importadora do Brasil para a China.
 Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2008b).



Figura 14 – Exportação 2009.

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.

No ano de 2009 o Brasil exportou US \$20.190.831,30 milhões de dólares em produtos para a China, Analisando produtos desagregados a 1 dígito, é notável o reaparecimento de um cenário positivo exportador, demonstrando saldo da balança comercial favorável, a pauta do ano analisado obteve um Superávit surpreendente em relação aos anos anteriores. Com a reação de da balança comercial positiva com US \$4.279.686,79 sobre as importações.

Os produtos exportados se demonstram constante ao longe dos anos e apresenta mesmo curso em 2009, onde que a maior parte exportada para a China deve-se a produtos como matéria prima que apresentou grande crescimento em relação as demais itens, fechando com 73,92% do total das exportações, combustíveis fósseis 8,79%, produtos manufaturados representaram 6,65% e outros totalizando 10,64%. Os principais produtos exportados, de forma mais desagregada, no ano de 2009 foram minério de ferro, soja em grão, petróleo e derivados, pastas de madeira, papel e celulose, produtos semimanufaturados de ferro e aço entre outro.

EXPORTAÇÕES	2009	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Minério de ferro	7.823,71	166.088,04
Soja em grão	6.342,96	15.939,97
Petróleo e derivados	1.342,16	3.869,62
Pastas de madeira, papel e celulose	1.138,70	2.850,43
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	416,89	356,86
Óleo de soja	406,95	529,10
Partes e componentes para veículos e tratores	373,60	1,79
Fumo	368,46	57,58
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	322,65	430,12
Couros e peles	267,95	135,87
Plásticos e suas obras	205,25	206,08
Outros minérios (manganês, cobre, nióbio etc.)	202,46	1.223,82
Máquinas, ferramentas e aparelhos mecânicos	150,44	17,67
Máquinas, ferramentas e aparelhos elétricos	113,73	6,16
Granito cortado e bruto	73,85	483,53
Algodão	66,93	49,08
Madeiras e folhas de painel	60,65	90,11
Carnes e laticínios	49,80	26,25
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)		

Figura 15 - Pauta exportadora do Brasil para a China.
 Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2009a).



Figura 16 – Importação 2009.
 Fonte: Un Comtrade Database (c2014).
 Nota: Adaptado pelo autor.

A pauta importadora obteve uma queda em relação a observada no ano anterior, foram importados para a China produtos como equipamentos de transporte e máquinas 55,93%, produtos manufaturados por material 15,84%, artigos manufaturados diversos 14,78% e outros 13,45%. Ainda de forma mais desagregada, representado por produtos químicos orgânicos e inorgânicos máquinas e aparelhos elétricos e suas partes produtos químicos orgânicos e inorgânicos, têxteis e vestuário máquinas de processamento de dados, instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.

IMPORTAÇÕES	2009	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Máquinas e aparelhos elétricos e suas partes	5.269,21	353,41
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	1.587,60	1.112,22
Têxteis e vestuário	1.370,03	289,35
Máquinas de processamento de dados	1.302,24	48,37
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc	743,06	49,76
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	715,59	544,78
Plásticos e borrachas e suas obras	475,36	183,32
Partes e componentes para veículos e tratores	390,40	101,44
Brinquedos	295,42	52,55
Calçados	193,02	13,50
Coques de carvão	88,81	122,69
Outros equipamentos elétricos	8,61	3,05

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)

Figura 17 - Pauta importadora do Brasil para a China.
 Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2009b).



Figura 18 – Exportação 2010.

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.

Em 2010 o Brasil exportou US \$30.752.355,63 milhões de dólares em produtos para a China, o saldo da balança comercial permaneceu com crescimento e positivo em relação ao ano anterior, na que diz respeito a maior parte por exportações do que por importações. A pauta do ano analisado obteve um Superávit. Com diferença de US \$5.216.441,67 sobre as importações que foram \$25.535.913,96.

Os produtos exportados para a China devem-se a matérias primas 72,73%, combustíveis fósseis 13,18%, produtos manufaturados 4,26% e outros representando 10,03% das exportações. Os principais produtos exportados, de forma mais desagregada, no ano de 2010 foram minério de ferro, soja em grão, petróleo e derivados, pastas de madeira, papel e celulose, óleo de soja entre outros.

EXPORTAÇÕES	2010	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Minério de ferro	13.338,02	152.563,21
Soja em grão	7.133,44	19.064,46
Petróleo e derivados	4.053,88	8.295,15
Pastas de madeira, papel e celulose	1.214,10	2.058,58
Óleo de soja	786,42	935,96
Partes e componentes para veículos e tratores	409,25	2,26
Couros e peles	354,29	130,87
Fumo	343,34	44,04
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	312,73	198,09
Outros minérios (manganês, cobre, nióbio etc.)	287,88	1.313,37
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	257,16	175,75
Máquinas, ferramentas e aparelhos mecânicos	240,18	30,43
Carnes e laticínios	236,89	124,70
Algodão	140,26	84,59
Granito cortado e bruto	115,57	726,24
Plásticos e suas obras	91,90	54,99
Máquinas, ferramentas e aparelhos elétricos	80,37	3,29
Madeiras e folhas de painel	74,80	118,80
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)		

Figura 19 - Pauta exportadora do Brasil para a China.
 Fonte - Conselho Empresarial Brasil-China (2010a).



Figura 20 – Importação 2010.

Fonte: Un Comtrade Database (c2014).

Nota: Adaptado pelo autor.

Vemos que a maior parte do que foi importado para a China deve-se a produtos como equipamentos de transporte e máquinas 55,86%, produtos manufaturados por material 18,98% artigos manufaturados diversos 13,15% e outros 12,01%.

Os principais produtos importados, de forma mais desagregada, formam o gráfico do MDIC, representado por Produtos químicos orgânicos e inorgânicos máquinas e aparelhos elétricos e suas partes, máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes, têxteis e vestuário, produtos químicos orgânicos e inorgânicos, produtos semimanufaturados de ferro e aço entre outras.

IMPORTAÇÕES	2010	
	(US\$ MILHÕES)	TON (MIL)
Máquinas e aparelhos elétricos e suas partes	7.979,56	553,10
Máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes	5.626,40	754,88
Têxteis e vestuário	2.150,75	437,09
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	2.032,24	1.410,49
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	1.884,05	2.020,40
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia etc	934,01	65,07
Plásticos e borrachas e suas obras	862,50	326,34
Parts and components for vehicles and tractors	630,27	192,00
Brinquedos	419,87	81,10
Coque de Carvão	195,66	362,46
Calçados	90,59	7,12
Outros equipamentos elétricos	16,47	5,62
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)		

Figura 21 - Pauta importadora do Brasil para a China
 Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China (2010b).

5 CONCLUSÕES

O posicionamento comercial brasileiro dispõe de vários parceiros mercantis, os capítulos anteriores, analisados de forma sequencial e periódica, nos permite analisar a relação bilateral envolvendo dois países pertencentes ao um novo grupo de países em desenvolvimento no cenário mundial, denominados BRIC, por exibir a sigla de seus integrantes (Brasil, Rússia, Índia, China). O Brasil passou a representar grande influência comercial com a China, bilateralmente, onde os dois estão logrando benefícios relacionados com as necessidades de cada país.

No trabalho foram analisados os momentos entre 2006 – 2010. Período em que foi afirmado amadurecimento entre a relação bilateral Sino-Brasileira, o comercial foi intensificado de modo fugaz e logo em 2008 foi avaliada a inserção da china como o segundo maior parceiro comercial com o Brasil, cenário que foi atualizado rapidamente quando, em 2009, a China ultrapassou os Estados unidos e tornou-se o maior parceiro comercial Brasileiro. Segundo dados do ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior (MDIC, 2009).

O estágio exportador brasileiro se comportou de forma conservadora, no passo em que a sua maior contribuição enviada à China foi estabelecida por commodities, produto de baixo valor agregado. Os índices confirmam que a teoria do livre comércio não proporciona tantos benefícios aos exportadores de matérias primas, como no caso do Brasil, por se aliarem ao fato de estar em constante deterioração e sua abundância diminui os preços, tanto no valor do produto quanto em sua produção.

Em seu estágio importador fez uso de grandes maquinas e equipamentos, cujo valor agregado é alto e esta em constante elevação, além do desincentivo a produção nacional de produtos finais.

A análise de Prebisch comenta a importância da industrialização e a vantajosa atitude no fortalecimento da indústria nacional, com a constante distribuição de insumos e a notória necessidade de produtos acabados vai de contramão com as análises que colocariam o Brasil em uma situação favorável e de estabilidade comercial e financeira.

A distribuição de dados foi feita em caráter avaliativo do período verificado e apontou certas homogeneidades com relação ao produto importado e exportado, o fator que decidiu a situação de superávits na balança comercial brasileiro se trata de

commodities e traz ao Brasil uma dúvida quanto à importância de seu espaço como exportador global, a parcela onde houve déficit na balança comercial foi anunciada como consequência da crise em 2009, onde os principais exportadores congelaram suas produções e buscaram produtos acabados.

REFERENCIAS

APPLEYARD, D. R.; FIELD J.; COBB, S. L. **Economia internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

AVERBUG, A.; Abertura e Integração Comercial Brasileira na Década de 90. **BNDES**, [2013?]. Disponível em: <http://www.bndespar.com.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro/eco90_02.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.

BARBOSA, A. de F.; MENDES, R. C. As Relações Econômicas entre Brasil e China: Uma Parceria Difícil: dialogo sobre globalização. **FES Briefing Paper**, São Paulo, p. 2-10, jan. 2006. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/iez/global/50190.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2014.

BAUMANN, R. (Org.) **O Brasil e a economia global**: Sociedade Brasileira de Estudos das Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA. Pauta de exportação do Brasil para a China. **CEBC**, 2006a. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes?y=2006>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de importação do Brasil com relação à China. **CEBC**, 2006b. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-importacoes?y=2006>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de exportação do Brasil para a China. **CEBC**, 2007a. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes?y=2007>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de importação do Brasil com relação à China. **CEBC**, 2007b. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes?y=2007>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de exportação do Brasil para a China. **CEBC**, 2008a. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes?y=2008>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de importação do Brasil com relação à China. **CEBC**, 2008b. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-importacoes?y=2008>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de exportação do Brasil para a China. **CEBC**, 2009a. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes?y=2009>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de importação do Brasil com relação à China. **CEBC**, 2009b. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-importacoes?y=2009>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de exportação do Brasil para a China. **CEBC**, 2010a. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes?y=>>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Pauta de importação do Brasil com relação à China. **CEBC**, 2010b. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-importacoes?y=2010>>. Acesso em: 28 out. 2014.

CORAZZA, G. O “regionalismo aberto” da CEPAL e a inserção da América Latina na globalização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 135-152, maio 2006. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2114/2496>>. Acesso em: 11 out. 2014.

CORONEL, D. A.; DESSIMON, J. A. Vantagens comparativas reveladas e orientação regional da soja brasileira em relação à China. **Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n. 47, p. 80-102, jul./dez. 2007.

COUTINHO, E. S. et al. De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 101-113, out./dez. 2005.

OLIVEIRA, H. A. de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista brasileira política internacional**, Brasília, v. 47, n. 1, p. 7-30, 2004.

GUILHOTO, J. J. M; Análise de insumo-produto: teoria e fundamentos. **Munich Personal Repec Archive**, 2011. Disponível em: <<http://mpra.ub.uni-muenchen.de/32566/>>. Acesso em: 11 out. 2014.

LUZ, R. **Relações econômicas internacionais**. 3. ed. São Paulo: Elsevier, 2010.

MARKOSKI, A. S. **Comércio bilateral Brasil-China**: um estudo sobre o perfil da pauta exportadora brasileira entre 2000 e 2010. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Economia com ênfase em Economia do Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MORTATTI C. M.; MIRANDA, S. H. G. de; BACCHI, M. R. P. Determinantes do comércio Brasil-China de commodities e produtos industriais: uma aplicação VECM, **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 311-335, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecoa/v15n2/v15n2a07>>. Acesso em: 28 out. 2014.

NEVES, R. B.; CARDOSO, F. H. **O Brasil e a economia global**. Sociedade Brasileira de Estudos das Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica [SOBEET]. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

NONNENBERG, M. B. et al. **O crescimento econômico e a competitividade chinesa**. Rio de Janeiro: IPEA, 2008. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1333.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.

PAUTASSO, D.: O lugar da China no comércio exterior brasileiro. **Boletim Meridiano**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 114, 2010. Disponível em: <<http://mundorama.net/2010/01/19/o-lugar-da-china-no-comercio-exterior-brasileiro-por-diego-pautasso/>>. Acesso em: 28 out. 2014.

PINHEIRO, A. C.; GIAMBIAGI F. ; MOREIRA M. M. O brasil na década de 90: uma transição bem-sucedida?. **BNDES** Rio de Janeiro, nov/ 2001.

RAINELLI, M. **Nova teoria do comércio internacional**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1998.

SALVATORE, D. **Economia internacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1999.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

UN COMTRADE DATABASE. Interface que gera extração de dados de comércio beta. **Extract Date Beta**, c2014. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/data/>>. Acesso em: 28 out. 2014.